



Xeroxcinema

Em "Improvável", primeira individual de Mario Ramiro na Zipper Galeria, dois âmbitos da produção intelectual humana encontram-se de forma imprevista: a desmaterialização da obra de arte e a materialização de espíritos.

O primeiro núcleo reúne uma coleção de trabalhos seriais em xerografia do final dos anos 1970 a meados dos 80, quando Mario Ramiro começou sua trajetória artística cercado por criadores que escapavam dos padrões do que era considerado arte e instauravam as ditas "poéticas processuais". Trabalhavam com vídeo, filme, arte postal, performance, body art, instalação, livros de artista, off-set, xerox arte e outras manifestações marginais e insuspeitas que provavelmente nunca chegaram a ser catalogadas ou historiografadas.

Naquele tempo, muitos artistas de pegada conceitual faziam performances diante da câmera de vídeo, fotográfica, ou da máquina fotocopadora. Entre eles, estava Hudinilson Jr. (1957-2013), ex-integrante do coletivo 3NÓS3 ao lado de Rafael França (1957-1991) e Mario Ramiro. Uma das qualidades mais exploradas, então, era a da reprodução da imagem, o que trabalhava a favor de uma dessacralização do original. Em Ramiro, diferentemente, vemos a opção pelo desenrolar de sequências de cenas (ou poses), formando pequenas narrativas, quadro-a-quadro.

No xeroxcinema de Mario Ramiro ("categoria" ou proposição que talvez tenha passado batida pela historiografia), os quadros são sempre fechados em uma parte do corpo — cabeça, mãos —, que contracena com um elemento externo — fita crepe, faixa de pano. Na interação entre corpo e elementos, desdobram-se ficções e ilusões. Em uma destas historietas, a mão executa um passe de mágica e desaparece com um ovo. Em outra, o artista engole e cospe uma fita de papel, em uma ação que sugere um fenômeno mediúnico conhecido como "exalação de ectoplasma".

Aqui faz-se a ponte com os trabalhos recentes, que se voltam para métodos e maquinários de superação de fronteiras entre o mundo físico e o metafísico. Entre eles, estão a escultura sonora "Rádio Dante" (2014), que remete às pesquisas da escritora Hilda Hilst com comunicação com fantasmas via rádio; "Gabinete de fluidos" (2013), instalação com 400 xerox e reproduções de fotografias de fenômenos poltergeist; e finalmente "Mesas de acesso" (2017), construída a partir de especificações do espiritualista norte-americano Andrew Jackson Davis (1853). Nesta instalação concebida especialmente para a individual, Ramiro reflete sobre a crença de que as tecnologias elétricas funcionariam como mediadoras entre o mundo concreto e o invisível.

Mario Ramiro iniciou sua pesquisa em torno do invisível no final dos anos 80, quando construía esculturas de calor que irradiavam "volumes imateriais" em torno dos objetos. Entre 1991 e 2000, realizou um mestrado na Escola de Arte e Mídia de Colônia, Alemanha, focado na produção de fotografias do invisível.

Em 2008, apresentou o doutorado na ECA USP sobre "A Fotografia dos Espíritos no Brasil". Estudos sobre esse gênero fotográfico existiam, até então, apenas no âmbito do espiritismo.

Paula Alzugaray

